

**PROVOCAÇÃO AO DEBATE:  
TRÊS PROPOSIÇÕES AUTO-REFLEXIVAS SOBRE  
A PROVOCAÇÃO PÓS-MODERNA**

*Italo Moriconi*  
UERJ

1. O começo.

Meu interesse inicial pelo pós-moderno deu-se na área estética, crítico-estética, histórico-estética. A fórmula “pós-modernismo” começou a ser agitada nos arraiais acadêmicos do Rio em torno de 82, 83. O que me atraía nela era a postulação de um olhar *exterior* à estética modernista. Esta, por meio de tal postulação, passava a ter reconhecido seu caráter reificado, caráter de algo delimitado e delimitador, globalizável e globalizador. Assim, o debate sobre pós-modernismo prometia fazer finalmente emergir um *conceito* de modernismo, em relação ao qual se iria então poder tomar distância reflexiva. Isso me interessava. Eu estava animado por um ímpeto de rebeldia contra valores estéticos que tinham sido recebidos por minha geração já como pedagogia institucionalizada. Drummond, Cabral, o *paideuma* de Pound via irmãos Campos, a Marilyn de Warhol, o teatro de Beckett, os filmes de Godard, os *happenings*, meu problema não era ser contemporâneo disso tudo e sim, pensar operativamente sua posteridade. Seu *après-coup*. O espírito daquele momento dizia: para continuar revolucionário, é preciso abandonar o *ethos* da revolução. Um paradoxo apaixonante e que ainda me parece válido, tanto no campo da estética como no da política. E não era só a validade deste paradoxo em particular que me atraía e me atraí. Eram os paradoxos em geral, o paradoxo como forma

incontornável na tarefa contemporânea do pensar — nesse terreno é que eu queria me situar quando respondi positivamente à interpelação pós-modernista.

[Algo mais: há dez anos, eu senti que para sobreviver (ou melhor, para renascer) como criador e como crítico precisava forçar a barra, precisava pensar antiteticamente em relação aos consagrados clichês da vanguarda e da antilira, desacatando-os de uma maneira desconstrutiva, ou seja, desacatando-os sem deixar de retomá-los. Este projeto eu realizei em 86, 87, foi minha pequena e muito pessoal virada pós-modernista. Ela se deu através do mergulho na obra poética de Mário de Andrade — que até então eu tinha execrado — para deliberadamente aprender a gostar dela e para deliberadamente desentranhar dela e de *A Escrava que não é Isaura* princípios que me ajudassem a valorar poesia de uma maneira nova em relação ao que eu tinha aprendido e que se tornara sufocante e castrador para mim. Sendo pós-modernismo em estética o gesto de identificar e tentar desvencilhar-se do modernismo enquanto norma dogmatizada, no meu momento isso significou reabilitar o valor poético da *eloquência* (no sentido de frase coloquial, não de épico condoreiro) como fuga da norma/dogma de uma poética da *elipse*. Na época, foram decisivos os diversos ensaios de balanço do modernismo escritos por Silviano Santiago, assim como sua insistência em fazer com que nossa geração de seus alunos de pós-graduação prestasse mais atenção à *totalidade ilimitada* da obra de Mário, de tal forma que conseguíssemos sair de nossa clausura popcreta.]

2. Reproduzo aqui um trecho de meu livro, parte do parágrafo intitulado *Póstudo*, pp. 23 a 25 (que transcrevo extirpando gralhas).

O prefixo pós articula problemáticas situadas em níveis e áreas diversas. A relação entre os termos pós-modernismo e pós-

modernidade é uma manifestação específica entre qualquer ismo — enquanto movimento intelectual ou estético particularizado — e o conceito geral ao qual alude ou do qual se alimenta. Além da relação entre particular e geral, que deve ser pensada em conjugação e em contraste com a relação entre modernismo e modernidade, o pós maior da pós-modernidade se sobrepõe e congrega outros pós, com os quais mantém não propriamente uma relação de generalidade, mas de afinidade ampliada: pós-industrial, pós-vanguarda, pós-estruturalismo, etc. Independente do que cada um desses termos possa significar por si, cabe assinalar aqui que a relação de posteridade neles indicada pelo prefixo é uma relação qualificada. Com a disseminação do prefixo pós, não se trata simplesmente de um depois, embora também se trate disso. O pós de pós-modernidade incorpora tanto a idéia de depois quanto tal qualificação.

O texto do poema de Augusto de Campos captou bem a questão, ao dizer:

“QUIS / MUDAR TUDO / MUDEI TUDO / AGORAPÓSTUDO / EXTUDO / MUDO”.

O depois do prefixo pós, tal como qualificado e marcado no debate intelectual contemporâneo, refere-se à situação criada em seguida a um processo radical de mudanças — *mudar tudo*. Essas mudanças foram não só desejadas pelo sujeito do póstudo (*quis*), como foram também efetivamente realizadas (*mudei tudo*). *Agorapóstudo* indica um caminho sem volta: o pós-moderno (a pós-vanguarda, o pós-estruturalismo, etc.) é um terreno que foi para sempre transformado pelo desejo de mudança. Mas esse desejo, enquanto desejo, ficou no passado: agora *extudo*. O fato de que o desejo existiu e foi exercido indica que as problemáticas abarcadas pelo prefixo pós não podem ser confundidas com anti. Não se trata de anti-modernismo, anti-vanguarda, anti-estruturalismo, etc.:

trata-se de posteridade em relação a experiências radicais por parte de quem as viveu, como indica a ênfase na subjetivação traduzida pelo uso inequívoco da primeira pessoa em *mudei tudo* – contrastando com a ambigüidade do *quis*, cujo sujeito pode ser tanto em 1ª quanto em 3ª pessoa. No cruzamento entre a subjetividade do eu e a objetividade do ele/ela, indica-se que o pós ocorre lá fora, no mundo, e cá dentro, no interior da pessoa. Pós-moderno é tema de discurso cognitivo e é experiência vivencial.

A diferença entre *querer mudar tudo* e *estudo* é a diferença entre assumir a modernidade revolucionária como projeto e pensar a modernidade como objeto de retrospectiva. Passei por tudo (*ex-tudo*) e agora *estudo* tudo por que passei. Os temas abarcados pelo póstudado, reunidos no pós maior da pós-modernidade, adquirem significado a partir daquilo a que o prefixo se liga como sua palavra-núcleo – o modernismo, o estruturalismo, a vanguarda, etc. É uma exterioridade em relação à palavra-núcleo enquanto aventura de mudança, aventura de destruição e de construção. O pós refere-se ao balanço dos resultados desta aventura e assinala um deslocamento e uma inversão em relação a suas metas iniciais, mas assinala também sua irreversibilidade. Não faz parte do póstudado a tentativa de restaurar o que havia antes da aventura. Mas agora *mudo*, 1ª pessoa do verbo mudar: mudo na medida em que já não me disponho a embarcar noutra aventura construtiva/destrutiva: herdo seu espólio. Acabou a revolta da vontade. E estou mudo: já não tenho mais palavras de ordem para mudar tudo.

### 3. Os fins, esquematicamente.

Já o que me atraiu no debate do pós-moderno foi a *substantivação* da pós-modernidade como noção de época. A época, ou o espírito da época (*Zeitgeist*) transformada em sujeito ex-

*machina* de enunciados do tipo “a era pós-moderna é isso ou aquilo, *causa* isso e aquilo”. Não que não me interessassem temas relativos às transformações globais em curso. Mas a redução desse tipo de discussão a uma fórmula apocalíptica e linearmente cronológica me pareceu sempre algo tão impreciso, tão essencialista, tão ideológico, que só servia para alimentar de argumentos aqueles que, a partir da provocação pós-moderna, apegavam-se aos valores de uma modernidade reificada e canonizada para veicular posições culturais reacionárias. Eis aí outro fascinante paradoxo do debate intelectual dos anos 80: o discurso progressista passou a constituir muitas vezes a *forma* preferencial de manifestação de ideologias conservadoras.

Se para alguns, como Richard Rorty, o impulso religioso de substantivar invalida totalmente o debate pós-moderno, para mim tratava-se, e creio que ainda se trata, de *adjetivar* o pós-moderno. A pós-modernidade seria assim um *atributo* de certos gestos, certas operações, certas manifestações contemporâneas em que valores canônicos e específicos (isto é, localizados) da modernidade perdem sua auto-evidência, sua pertinência, sua centralidade, sua importância. Na esteira de Lyotard, a pós-modernidade encarada como uma *condição*, geral sim, porém difusa e discrônica, de deslegitimação da modernidade. Condição engendrada pela própria modernidade. A condição pós-moderna é a condição moderna tomada banal, tornada dado bruto, coisa inescapável desnecessitada de explicação ou sentido.

No entanto, diferentemente de Lyotard, em meu livro eu faço uma leitura da deslegitimação como *gesto deliberado de historicização*. É o gesto que me interessa. Deslegitimar as superestruturas narrativas que sustentam miticamente o discurso da modernidade significa passar a encará-las em perspectiva histórica. Tomar distância em relação aos valores que elas veiculam. Assim, o discurso do pós-moderno/época não me interessou como objeto de verificação, ele me interessou

efetivamente como *sintoma*. Sintoma daquilo que, apropriando-me de uma expressão de Gianni Vattimo, chamei de “exigência historicista” (cf. *A Provação*, pp.35/36).

Por que de uma hora para a outra representantes da nova barbárie intelectual (na qual me incluo) mobilizaram-se tanto em torno de uma discussão de *Zeitgeist*? A meu ver, o debate do pós-moderno foi o ponto culminante do triunfo do relativismo historicista no universo contemporâneo das Humanidades. Em meu livro, tento fazer uma distinção entre esse historicismo contemporâneo e o historicismo tradicional, basicamente alemão, do século XIX, assim como discuto algumas consequências do mencionado triunfo sobre o que chamo de discurso metateórico transdisciplinar. Considero assim o pós-moderno como efeito de um deslocamento discursivo, em que a nova História, fragmentada, micro, hiperpolitizada, antropologizada, volta a dar as cartas e provoca o questionamento incessante canônicos do nosso século.

A nova barbárie, a cultura mundial de massas, apartada até pelo sangue das aristocráticas tradições europeias, precisa da disciplina histórica para operar uma nova topografia estética. Pois a rigor ela não herda valores. Ela precisa apossar-se deles. Reconhecer a distância histórica para depois suprimi-la numa configuração que lhe interesse. Nesse sentido, tudo que se dispõe para nós hoje como objeto de valor hermenêutico precisamos relativizar, circunscrever, deslocar, contaminar, saquear, desautorizar, retomar redirecionando, recontextualizar, bricolar. Este parece ser o solo que solicita o gesto pós-moderno. (Cf. em *A Provação*, “Fronteira de Época”, pp.51/55).